

Maria Aparecida Andrade Salgueiro
UERJ – CNPq

DIÁLOGOS COM A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

A partir da ciência da formação inovadora dos estudantes da Seção Luso-Brasileira, a presente comunicação pretende apresentar de forma sucinta e aspectos da cultura africana em sua manifestação diaspórica no Brasil, trabalhando elementos da arte, do teatro e da literatura dos afro-descendentes em língua portuguesa do Brasil.

Sendo assim, o presente trabalho aborda conceitos de identidade tal como apresentados por Stuart Hall, Johannes Fabian e bell hooks, em um cruzamento teórico inédito, como suporte para análise de um *corpus* de textos contemporâneos retirados da publicação já consolidada de *Cadernos Negros*, propondo um olhar sobre a Literatura Afro-brasileira contemporânea, sob a ótica do feminino.

Quando a escritora francesa Simone de Beauvoir lançou a célebre frase “Não se nasce mulher; torna-se mulher”, gerou-se uma grande polêmica em torno de seu significado. Ainda hoje, voltar a ela pode ser bastante produtivo em termos da reflexão sobre gênero. E, particularmente, sobre gênero e literatura. Acerca da questão da luta das mulheres por um lugar de onde não apenas pudessem falar, mas, principalmente, terem suas vozes ouvidas, nada mais pertinente do que observarmos a realidade das escritoras afro-descendentes, em nosso caso específico, as afro-brasileiras. No Brasil várias mulheres escritoras afro-brasileiras também lutam “pela retomada do destino pela liberdade através da literatura” como já nos disse a sempre presente Simone de Beauvoir (Gennari 1958: 23).

Como representantes de um movimento feminino com expressão literária, as autoras afro-brasileiras buscam resgatar nomes esquecidos pela História literária e instigar o aparecimento de outros, assim como a expressão de emoções, há mais de séculos recalçadas, caladas e oprimidas. Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra” – e ainda segundo alguns críticos, “pobre” – nossas escritoras de origem africana também examinam a individualidade e as relações pessoais como uma forma de compreensão de questões sociais complexas.

Na verdade a presença do negro na Literatura Brasileira não escapa ao tratamento marginalizador, tendo-se, quando ocorre, o que bem conceitua Domício

Proença Filho: “a literatura *sobre* o negro, de um lado, e, [de visibilidade mais recente] a literatura *do* negro, de outro” (Proença Filho 1997: 159).

Detentoras, à custa de muita luta, de um lugar que vai se solidificando hoje no campo da literatura, tais autoras tiveram que enfrentar enormes barreiras seculares contra uma dupla exclusão social: não apenas eram mulheres; eram mulheres negras. Romper a barreira citada por Beauvoir e tornar-se MULHERES - batalhadoras, guerreiras, propositivas e dominadoras da arte da palavra constituiu-se em uma sofrida, porém, aos poucos, vitoriosa ação. Como diria bell hooks, uma boa parte dos discursos pós-modernos partilham da exclusão, em especial dos textos de mulheres negras, a quem cabe a luta pela mudança de “status quo” (Hooks 1991: 23).

Na verdade, a partir de tema central em obras modernas e contemporâneas, da *quest for selfhood* - observam-se grupos de mulheres que se identificam como negras, por contingências não apenas étnicas, mas principalmente históricas e políticas. Grupos que já foram mapeados e descritos em obras como as de Davies (1995) e que expressam emoções pisadas, silenciadas e oprimidas por muitos séculos.

No Brasil, assim como nos Estados Unidos - consideradas as diferenças culturais - as mulheres afro-brasileiras vêm escrevendo e publicando de forma organizada há alguns anos, representando um grupo com traços próprios. No entanto, devido a características culturais nacionais específicas, embora boa parte de seu trabalho já tenha sido traduzida e se transformado em objeto de debate com agraciamento em alguns setores no exterior, no Brasil, um pleno reconhecimento de sua produção e valor literário ainda não chegou.

Em nosso país, cabe lembrar que, de forma velada ou latente, explícita ou implícita, a questão racial é hoje objeto de acalorados debates – na verdade, trata-se de uma questão eivada de emoção e preconceito, quando próxima de cada brasileiro ou brasileira. Ações governamentais, ações afirmativas, cotas nas universidades, mídia própria e artistas procuram mudança cada um com seus meios. Os nomes que passaram à literatura “oficial” são na maioria das vezes estudados sem referência à origem étnica do Autor, ou, quando tal ocorre, nenhuma análise mais fundamentada do assunto sob o ponto de vista contextual, cultural e histórico é realizada, como se não houvesse aí diferença, que levasse ao enriquecimento cultural. Exemplos precisos encontram-se em Castro Alves, Olavo Bilac, Aluísio de Azevedo, Machado de Assis, Cruz e Souza, Lima Barreto e - nenhuma menção feminina.

Estudos recentes e atuais em nosso país, dentro do campo da arqueologia literária têm levado a ricas e profícuas “descobertas” como as apresentadas pelo Projeto Integrado de Pesquisa, levado a cabo na UFMG, sob a liderança do professor Doutor Eduardo de Assis Duarte. Entre seus produtos concretos um sítio enriquecedor na Internet e a publicação em 2004 do romance *Ûrsula de –* um nome feminino - Maria Firmina dos Reis (1825-1917).

Entre as várias questões identitárias aí refletidas, ao abrir a discussão, seria interessante observar alguns conceitos relacionados à identidade cultural na pós-modernidade. Em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, Stuart Hall (1992), seguindo a trilha de Robins (1991) e Bhabha (1990), volta a trabalhar com os conceitos de **tradição** e **tradução**. Partindo de um pano de fundo da globalização, Hall nos mostra a dialética das identidades nesse contexto que, contestando todos os contornos estabelecidos de uma suposta identidade nacional, expõe seu fechamento às pressões da diferença, da alteridade e da diversidade cultural. O trabalho de pesquisa relativo aos povos afro-descendentes sempre aponta para a oscilação entre a cultura de herança africana e a imposta pelo Colonialismo.

A revisão de literatura de teóricos francófonos do Pós-Colonialismo nos leva a inúmeros exemplos, tais como Césaire, Senghor, Damas, Fanon, que trabalham com tal oscilação e incentivam os negros a lançarem um novo olhar sobre sua herança africana. Nesse sentido, as diferentes manifestações das populações afro-descendentes em diferentes locais do mundo têm mostrado a sua diferença e as suas origens em contextos primordialmente brancos, levando junto com outras pressões a que a questão da identidade nacional e da suposta centralidade cultural do Ocidente seja abertamente discutida.

Em sua apologia sistemática das sociedades destruídas pelo Imperialismo, Césaire acaba revelando ser conhecido em certos meios como um “inimigo da Europa, profeta do retorno ao passado ante-europeu” (Césaire 1955: 11). Na realidade o seu *Discours sur le Colonialisme* marca uma explicitação de sua busca de origem, descobrindo na África uma ancestralidade que não lhe pertence mais, gerando todo um questionamento, recorrentemente presente, aliás, em autores negros, sobre a possibilidade ou não da volta, do retorno. **Tradição** ou **tradução**? É possível voltar? Voltar para onde? Há semelhança entre o que se é e o que ocorre / ocorreu lá - **tradição**? O que se é não terá sido irremediavelmente alterado pelo novo padrão de

vida, de sociedade, de cultura, de experiência colonial, enfim, que se viveu nos últimos tempos - **tradução**?

Esta é a tensão recorrente que vislumbramos várias vezes nas autoras da diáspora africana, com propostas de saída variadas – seja a favor da volta, rediscutindo-lhe a forma - **tradição**, seja a favor da criação e do reconhecimento de algo novo - **tradução**, também em plena fase de discussão. Ou seja, algumas identidades nos textos literários da diáspora africana giram em torno daquilo que Hall chama de **tradição**, a tentativa de recuperar sua “pureza” anterior e redescobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas. Outras identidades aceitam estarem sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença e, assim, é impossível que elas sejam outra vez unitárias ou “puras”. Essas, conseqüentemente giram em torno do conceito de **tradução**.

A partir de aspectos de identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, em transição, assim como de outras que são o produto de várias histórias e culturas interconectadas, da tensão **tradição / tradução**, surgem as *culturas híbridas*, que nos remetem à obra de Canclini, *Culturas Híbridas*, e de Boaventura de Souza Santos, *Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*. A organização do moderno e do tradicional, do passado, das raízes, nos ensina Canclini – é nessa tensão dialética que se dá o novo. A necessidade que têm tradicionalistas e renovadores de apoiarem-se uns nos outros leva a alianças freqüentes de grupos tradicionais com grupos progressistas.

Retornando às nossas autoras afro-brasileiras, sobre sua realidade conjuntural, cabem algumas palavras, sobre a tripla discriminação: mulher, negra e pobre. As mulheres negras constituem 25% da população, sendo a maioria analfabeta ou semi-analfabeta, com remuneração em geral na faixa de um salário mínimo (muitas chefiam família em maior número que as brancas).

O Brasil é o país de maior população negra fora da África, depois da Nigéria (Appiah & Gates 1999). É historicamente um país escravocrata onde ainda perduram as idéias racistas nas instituições governamentais e na sociedade em geral. Mesmo quando a pessoa negra ainda não adquiriu a consciência do racismo, ser negra em nosso país significa viver em condição de extrema desigualdade social e racial.

Considerando que a mulher no Brasil, até a Constituição de 1988, não tinha vários de seus direitos legalmente apontados, ser mulher negra e pobre significava não ter os

direitos mínimos de cidadania assegurados juridicamente. Até hoje, a célebre “opressão de gênero” é vista de forma diversa quando se trata de mulheres negras.

Arnaldo Xavier, poeta negro de São Paulo, afirma que o único espaço de cumplicidade efetiva entre o homem negro e o branco é o machismo. Eles estariam de acordo e seriam cúmplices no direito que ambos se dão de oprimir, discriminar e desumanizar as mulheres brancas ou negras (Brito 1999). Hoje, cresce a compreensão de que é preciso considerar a perspectiva de gênero – levando-se em conta a diferença entre homens e mulheres – para fortalecer a luta anti-racista.

A síntese do papel desempenhado pelas feministas negras nos movimentos negro e feminista foi feita por Suely Carneiro, tal como também citada em Brito (1999):

A luta das mulheres negras brasileiras contra a opressão de gênero e de raça vem desenhando novos contornos para a ação política feminista e anti-racista. Este novo olhar feminista e anti-racista, ao integrar a tradição de luta do movimento negro e do feminista, afirma esta nova identidade política decorrente do ser mulher e negra. (Brito 1999)

Analisando dados como racismo e sexismo, institucionalizados não só na sociedade, mas também na própria família e relações íntimas, as referidas autoras focalizam dilemas que atingem a todos, independente de raça ou sexo. No entanto, através da dor e da raiva, valorizam acima de tudo a diferença, muitas vezes expressa em um otimismo construtivo, em que essa aparece como elemento de construção e crescimento.

No Brasil, em termos de publicações, além de grupos de mulheres afro-brasileiras que, cada vez mais, de forma organizada publicam seus escritos, temos – e a ela cabe dedicar algumas palavras – como edição que sobrevive e progride, a publicação sistemática dos já citados *Cadernos Negros*, que desde o início alterna números de poesia com números em prosa, e que muito tem contribuído para a divulgação e a expressão de escritores – homens e mulheres – afro-brasileiros.

Os *Cadernos* foram criados em plena fase de redemocratização do país. Em 1978 surgiu o primeiro volume da série, contendo oito poetas que dividiam os custos do livro, publicado em formato de bolso com 52 páginas. A publicação, vendida principalmente em um grande lançamento, circulou posteriormente de mão em mão,

sendo distribuída para poucas livrarias, mas obteve um expressivo retorno dos que tiveram acesso a ela.

Desde então e, ininterruptamente, foram lançados outros volumes – um por ano – alternando poemas e contos de estilos diversos. A distribuição aperfeiçoou-se, procurando chegar a um público mais amplo e diversificado do que aquele atingido pelos primeiros volumes. Escritores de vários estados do Brasil vêm publicando nos *Cadernos*. É preciso assinalar que não existem outras antologias publicadas regularmente com textos de autores afro-brasileiros, em grande parte devido às dificuldades financeiras inerentes às publicações deste tipo. Sendo assim, os *Cadernos* têm sido um importante veículo para dar visibilidade à literatura negra.

Entre os nomes de mulheres afro-brasileiras que lutam pela visibilidade de sua produção artística na contemporaneidade, além do resgate de nomes “esquecidos ou perdidos” no passado, Conceição Evaristo se destaca hoje, junto a nomes como os de Geni Guimarães, Miriam Alves, Sonia Fátima da Conceição e outras, como representante de um movimento feminino com expressão literária que busca resgatar nomes esquecidos pela História literária e instigar o aparecimento de outros.

Como traços comuns entre as autoras citadas, sua atuação profissional / política; sua constância de publicação na série *Cadernos Negros* desde a década de 80, não só publicando, mas também divulgando, colaborando; a divulgação e a crítica respeitosa que vêm recebendo no exterior; os convites que lhes vêm sendo encaminhados para participar, como palestrantes, de encontros e seminários sobre Mulher e Literatura dentro e fora do Brasil; uma produção muitas vezes com tradução no exterior e completo desconhecimento interno, até mesmo por quem é da área, e ainda, o seu próprio pensar da questão da literatura negra ou afro-brasileira - adjetivos cuja necessidade, como muitos outros críticos, Conceição Evaristo discute - em sua dissertação de Mestrado intitulada *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*.

A obra literária de Conceição Evaristo, por exemplo, dividida entre poemas e contos publicados, além do romance - *Ponciá Vicêncio*, e do recém-lançado *Becos da Memória* narra sob ótica nitidamente feminina, problemas do cotidiano das mulheres negras, da pobreza, em formato repleto de poesia, e pleno de referências culturais, que buscam momentos fortes de uma cultura que se reconstitui. Sua obra se projeta largamente nos dias de hoje como reflexo identitário de um grupo até então excluído.

Significativo é o número de trabalhos acadêmicos sobre suas obras e seu romance, *Ponciá Vicêncio* tem previsão para lançamento em língua inglesa até o final de 2006.

Miriam Alves, sempre performática, se destaca por sua poesia e ainda por seu belo trabalho de apresentação, coletânea e divulgação na bela antologia poética bilingüe *Enfim nós/Finally us: Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas*. Esta obra, tal como aponta Durham, pesquisadora estadunidense na introdução “representa importante passo na trajetória para se apresentar uma específica visão literária coletiva ao público leitor das Américas” (Durham 1995). Como traço permanente no livro, a constante oposição e refutação de Alves ao estereótipo da passividade da mulher negra em vários de seus textos.

Esmeralda Ribeiro, re-afirma em seus textos, constantemente, que, através da Literatura, a mulher afro-brasileira pode vir a revelar seu verdadeiro ‘eu’ e acentua que em tal processo, pode vir também a desafiar imagens negativas, estereotipadas e distorcidas apresentadas tanto por escritores do passado como do presente, como a imagem da “mulata sensual”. Na produção narrativa, destacam-se ainda Geni Guimarães, com seus belos *Leite do Peito* e *A cor da Ternura* e Sonia Fátima da Conceição, com *Marcas, sonhos e raízes*.

Apesar da dificuldade implícita de se trabalhar com autores vivos, temos convicção de que um estudo comparativo da emergência de uma literatura feminina de traços africanos, transposta no discurso de diferentes autoras, traz elementos significativos para a compreensão de traços fundamentais de cultura, dentro de uma perspectiva contemporânea de compreensão identitária, étnica e de gênero. Assim, as escritoras afro-brasileiras, a partir de sua História, dentro de sua luta, retratam a razão e o coração da mulher negra brasileira e se estabelecem com o tempo como referência obrigatória no panorama da literatura contemporânea de seu país. Sempre combativas contra a discriminação, as escritoras afro-brasileiras adotam específicas estratégias de ação em sua luta. Em trajetórias próprias, porém céleres e sólidas, que as consolidam e se desdobram no cenário literário, ao, por exemplo, forçar uma rediscussão do cânon, com a utilização da arte da palavra - uma contribuição definitiva para a literatura universal, para o movimento feminista e para a luta dos direitos humanos.

Autoras de contos, alguns romances, muitos poemas, alguns ensaios – esta é, sem dúvida, uma produção de grande valor, originalidade e inovação literárias, sempre em busca de características e raízes brasileiras. Em ambiente de diásporas e fortes conexões transculturais, discursos de autenticidade e heterogeneidade são constantemente jogados

uns contra os outros. Entre eles, encontramos o conceito de ‘hibridismo’ – um tópico controvertido, amplo e provocante nos tempos presentes. E, ao trabalhá-lo, retorna o conceito introduzido por Johannes Fabian – um dos primeiros antropólogos a introduzir o conceito de cultura popular no estudo da África contemporânea. No que diz respeito às nossas Autoras objeto de estudo no momento, as idéias de Fabian contribuem para o conceito de cultura e de visão de mundo por elas apresentada em textos que em seus trajetos transculturais refletem trajetórias e impactam a identidade da cena literária brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, M. (Ed.) (1995) *Enfim ... Nós / Finally ... Us: Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas / Contemporary Black Brazilian Women Writers: Dual Brazilian-English Poetry Anthology*. Trad. C. R. Durham. Colorado Springs: Three Continents Press. Original português.
- APPIAH, K. A. & GATES, Jr., H. L. (1999) *AFRICANA – The Encyclopedia of the African and African American Experience*. New York: Basic Civitas Books.
- BERND, Z. (1988) *O que é Negritude*. São Paulo: Brasiliense.
- BRITO, M. C. E. (1996) *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*. Rio de Janeiro. Dissertação (Mestrado em Letras) - Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- BHABHA, H. K. (1994) *The location of Culture*. London: Routledge.
- Cadernos negros: contos e poemas*. São Paulo: Quilombhoje, várias edições, 1989 - 2006.
- Callaloo* (1995) vol. 18, n.4. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- CANCLINI, N. G. (1990) *Culturas Híbridas – Estrategias para entrar y salir de la Modernidad*. México: Grijalbo.
- CÉSAIRE, A. (1955) *Discours sur le Colonialisme*. Paris: Présence Africaine.
- CONCEIÇÃO, S. F. (1991) *Marcas, sonhos e raízes: novela*. São Paulo: Quilombhoje.
- DAMAS, L.G. (2001) *Pigments – Névralgies*. Présence Africaine.
- DAVIES, C. B. (1994) *Black Women, writing and identity: migrations of the subject*. London: Routledge.

- DU BOIS, W. E. B. (1992) *Black Reconstruction in America: 1860-1880*. New York: Atheneum.
- (1994) *The Souls of Black Folk*. New York: Dove Publications.
- DURHAM, C. R. (1995) The beat of a different drum: resistance in contemporary poetry by African-Brazilian women. *Afro-Hispanic Review*, Fall, p.21-26.
- EVARISTO, C. (2003) *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza Editora.
- (2006) *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- FABIAN, J. (1993) *Time and the other: How anthropology makes its object*. New York: Columbia University Press.
- (1998) *Moments of Freedom: Anthropology and Popular Culture*. Charlottesville: University Press of Virginia.
- FAIRCLOUGH, Norman (1990) *Language and Power*. London: Longman.
- FANON, F. (1975) *Peau noire, masques blancs*. Paris: Éditions du Seuil.
- FELISBERTO, F. (Org.) (2004) *Terras de Palavras – Contos*. Rio de Janeiro: Pallas: Afirma.
- FIGUEIREDO, E. (1998) *Construção de Identidades Pós-Coloniais na Literatura Antilhana*. Niterói: EdUFF.
- GATES Jr., H. L. (1989) *Figures in black: words, signs, and the “racial” self*. New York: Oxford University Press.
- (1993) *Loose Canons: Notes on the Culture Wars*. New York: Oxford University Press.
- GENNARI, G. (1958) *Simone de Beauvoir*. Nouvelle Édition revue et complétée. Paris: Classiques du XX^e siècle.
- GUIMARÃES, G. (1988) *Leite do peito: contos*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura.
- (1989) *A cor da ternura*. São Paulo: FTD.
- HALL, S. (2002) *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- (2003) *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.
- HALL, S. and du GAY, P. (Eds.) (2002) *Questions of Cultural Identity*. London: Sage Publications.
- HOOBS, Bell. (1991) ‘Postmodern Blackness’, in *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*: 23
- JOBIM, J. L. (Org.) (1999) *Literatura e Identidades*. Rio de Janeiro: UERJ.

- LEWIS, D. L. (Ed.) (1994) *The Portable Harlem Renaissance Reader*. New York: Penguin Books.
- NOVAIS, F. A. (Coord.) e SCHWARCZ, L. M. (Org.) (1998) *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras: v.4.
- PROENÇA FILHO, D. (1997) A trajetória do Negro na Literatura Brasileira. In: Santos, J. R. *Negro Brasileiro Negro*. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. IPHAN, nº 25: 159-177.
- REIS, M. F. dos (2004) *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas.
- SAID, E. W. (1995) *Cultura e Imperialismo*. Trad. D. Bottman. São Paulo: Companhia das Letras. Original inglês.
- SALGUEIRO, M. A. A. (2004) *Escritoras Negras Contemporâneas – Estudo de Narrativas: Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés.
- SANTOS, B. S. (1997) *Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.
- SARTRE, J. P. (1948) Orphée noir. In: Senghor, L. S. *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: Quadrige / PUF. Prefácio, p.ix-xliv.
- SENGHOR, L. S. (1948) *Anthologie de la nouvelle poésie nègre et malgache de langue française*. Paris: Quadrige / PUF.
- WATSON, S. (1995) *The Harlem Renaissance – Hub of African-American Culture, 1920-1930*. New York: Pantheon Books.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

<http://www.lettras.ufmg.br/literafr/frame.htm>

<http://www.quilombhoje.com.br/>